

CICLO DE PALESTRAS

O Futuro da UE

Olhares de Capitais Europeias

Qual o futuro da União Europeia? Como olham as diferentes capitais europeias para esta questão?

Os investigadores e estudiosos da política internacional não usam com muita frequência os relatórios e as análises dos diplomatas em funções. Em geral estes não são públicos, os que o são escasseiam, mas, principalmente, preferem dar prioridade a ensaios académicos e peças jornalísticas. A contra-corrente, a leitura dos textos da presente coletânea mostrará como as narrativas diplomáticas são valiosas, senão mesmo indispensáveis, à reflexão séria e completa das questões externas.

O embaixador é um observador por excelência. Ao longo da sua carreira, por inerência de funções, narra a realidade que o rodeia, coligindo em relatórios, memorandos e análises os factos observados. Essa é a sua atividade quotidiana, a sua rotina. O que quer dizer que, para além de observar, o Embaixador passa a sua carreira com “a pena na mão”. E não obstante escrever muito, ele publica pouco.

Não sendo à partida protagonista do *theatrum mundi*, o Embaixador está contudo na primeira fila, testemunhando os momentos fundacionais, as crises, as transformações. Assiste *in loco* aos eventos que vão fazendo a História, interpretando e descodificando a evolução dos acontecimentos (sendo que por vezes ajuda a fazer História, passando



POR
Lívia Franco

Professora do Instituto de Estudos Políticos da Universidade Católica Portuguesa

nesses casos a ser também protagonista). O Embaixador é o “outro”, o “estrangeiro”, com o olhar mais objetivo: ele está no seu posto suficientemente próximo para compreender o país em que vive, mas distante quanto baste para ter um olhar de fora. Daí consegue distinguir as diferentes opiniões, as várias tendências e as forças opostas em jogo. Os postos vão-se sucedendo e o Embaixador continua a seguir os países por onde passou, a acompanhar aquelas situações, se calhar agora de outro ângulo, de outra perspectiva, através do efeito moderador do tempo. Este é o olhar do Embaixador.

O Instituto de Estudos Políticos da Universidade Católica Portuguesa e o Instituto Diplomático desafiaram, sob a direção veterana do Embaixador António Costa Lobo, sete dos mais reputados Embaixadores de Portugal, ao longo de um ano e em sucessivas palestras, a aplicarem esse seu olhar sobre aquela que é, pelo menos para o velho continente, a interrogação central deste início do século XXI: qual o futuro da União Europeia? Como olham as diferentes capitais

europeias para esta questão?

A Europa debatida neste ciclo de palestras está bem distante daquela Europa que se começou a construir em 1951. Já não se compõe apenas de seis países membros mas de vinte e oito. Atravessou entretanto o Canal da Mancha, os Pirenéus, as Portas de Brandeburgo e o Adriático. As *Trente Glorieuses* são uma miragem do passado e o seu mercado desacelerou fortemente. O eixo Paris-Bona/Berlim desequilibrou-se, capitais como Londres, Varsóvia e Madrid querem falar mais alto. Quinhentos milhões de cidadãos insistem em participar ativamente no seu processo político.

E, no entanto, paradoxalmente, trata-se da mesma Europa. Uma Europa que quer fortalecer todos e cada um dos seus Estados-membros. Uma Europa que quer garantir mais liberdade mas também maior igualdade, segurança e justiça aos seus cidadãos. Uma Europa assente em equilíbrios constantemente negociados entre dinâmicas europeias e dinâmicas internas, países grandes e países mais pequenos, Estados fortes e Estados fracos. Uma Europa que é presa constante de nacionalismos xenófobos e populismos não democráticos e altamente demagógicos, sejam eles o Aurora Dourada, o Ukip, o Front National, o AfD ou o Movimento 5 Estrelas de Grillo.

A União Europeia é o conjunto de todas estas especificidades e de todas estas diferenças e semelhanças relatadas e explicadas pelos nossos Embai-

xadores nas páginas que se seguem. Como refere o Embaixador Manuel Lobo Antunes na sua intervenção, “não há só uma Europa mas uma pluralidade delas, não apenas uma única ideia de Europa, mas várias.” O talento dos Embaixadores-palestrantes deste ciclo revela-se com especial acuidade neste ponto: de que a Europa dos 28 é essencialmente diversidade e pluralidade, e, simultaneamente, um projeto comum em construção que tem sido no seu mais de meio século de existência profundamente transformador da realidade europeia. O reconhecimento desse facto é transversal a todas as análises contidas nesta coletânea. Não obstante, ele é especialmente evidente nos olhares que partem de Madrid, de onde escreve o Embaixador Álvaro Mendonça e Moura, “A regeneração é inseparável da Europeização” citando Ortega Y Gasset; de Berlim, de onde insiste o Embaixador Luís de Almeida Sampaio ser “muito importante introduzir na nossa tentativa de compreender a Alemanha e os alemães de hoje, a noção de que é acima de tudo a convicção profunda de que se faz parte, de que se é parte, de um interesse maior e com sentido, que explica porventura mais do que outras razões ou características muito do sucesso alemão do pós-guerra e do pós-reunificação”; ou de Dublin, de onde nos recorda o Embaixador Bernardo Futscher Pereira “a imagem do Tigre Celta dos anos 90, de uma Irlanda que em poucos anos se tornou num dos pa-



António Costa Lobo • Livia Franco • Manuela Franco
O Futuro da União Europeia Olhares de Embaixadores Portugueses em Capitais Europeias
 Universidade Católica. Editora

íses com maior rendimento per capita na Europa contrasta com as imagens antigas de fome e de pobreza”.

Desde o início da integração europeia que o olhar de Londres é diferente. Essa “relação ambígua e desconfortável, marcada por sucessivos desencontros e retrações” entre o Reino Unido e a União Europeia é dissecada com mestria na análise do Embaixador João de Vallera. Sobretudo, o anunciado compromisso de realização de um referendo relativo à manutenção do país na União, sinal do crescente desencanto dos cidadãos britânicos com o modelo de integração europeia. Outrossim, o olhar de Paris sempre foi muito próprio, revelando-se na convicção de muitos franceses “de que a Europa estará bem se a França estiver e se a França estiver mal também o estará a Europa”, tão bem referida e sublinhada na análise do Embaixador José Filipe Moraes Cabral.

A montante das idiossincrasias dos olhares nacionais, encontramos toda-

via um consenso que enquadra todos os olhares: que a U.E. vive uma crise existencial num momento crucial, enfrentando complexos desafios de natureza interna e externa. Ou seja, vive uma crise a várias dimensões. Destas, as análises dos nossos Embaixadores destacam constantemente duas, a saber, a crise do euro e a crise institucional. Às ineficiências mais ou menos evidentes da mecânica das instituições da União e ao problema das três Europas do ponto de vista monetário (países do euro, países que ainda não aderiram à moeda única e países *opting out*), juntam-se ainda uma crescente fala de competitividade global e uma descrença galopante dos cidadãos. Como compreender estes problemas? Como responder-lhes? Até onde é possível ir?

As reflexões que se seguem foram escritas ao sabor dos acontecimentos e são ilustradas por eles. E, contudo, vão mais longe que o presente imediato, revelando os dilemas de fundo de uma Europa que se vem construindo passo a passo na esteira do método Monnet. Uma Europa que sabe que só pode ter prosperidade em paz e liberdade. Que a Democracia não se resume a aspetos formais e *slogans* ociosos. E, finalmente, que a narrativa do declínio é reversível e depende em grande parte da verdadeira liderança política.

Em especial, os que os magníficos textos que se seguem mostram é que a Europa está longe de ser irrelevante, que ela não é apenas História e que tem de ser futuro. ■

Crise Económica e Financeira

Os recentes anos de crise económica e financeira vêm demonstrando como o bem estar e o futuro dos portugueses está dependente do que se passa no mundo além fronteiras.

Com as mudanças radicais no ambiente económico, político e estratégico global, a projectarem impactos potencialmente devastadores na segurança e prosperidade das próximas décadas, a Diplomacia tem revelado grande eficácia no que toca a provocar e obter mudanças no comportamento de outros actores internacionais em áreas relevantes para o apoio dos objectivos da política externa.

Este é pois um momento que exige fomentar a análise da política externa, reflectir sobre temas críticos, como sejam as alianças, as políticas de defesa e segurança nacional, a visão sobre a UE, assim como definir e arranjar instrumentos necessários para fazer face aos desafios das mudanças em curso no sistema internacional. E aqui, importa privilegiar a relação com a Academia, fomentando a aproximação e compre-



POR
Manuela Franco

Directora do Instituto Diplomático do Ministério dos Negócios Estrangeiros